

## A DESVALORIZAÇÃO DA LITERATURA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE ATUAL

### THE DEVALUATION OF LITERATURE AT SCHOOL AND IN CURRENT SOCIETY

Maria Magda RIBEIRO  
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

**RESUMO:** A Literatura é uma das mais importantes formas de expressão humana e desempenha um papel fundamental na sociedade. Entretanto, o que percebemos na atual educação brasileira é a desvalorização da Literatura e, conseqüentemente, um ensino fragilizado e desvinculado da realidade dos estudantes. A escassez de formação para profissionais da educação e a crescente influência da mídia e das tecnologias digitais tem contribuído para uma cultura de superficialidade e imediatismo, em que o entretenimento fácil, muitas vezes, suplanta a contemplação de obras literárias mais complexas. Diante desse cenário, este estudo objetiva investigar e compreender as possíveis causas dessa desvalorização, bem como as conseqüências para a formação educacional e cultural dos indivíduos na sociedade atual. Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica. Para tanto, buscamos fundamentar os problemas anunciados a partir de CÂNDIDO (2004); FRYE (2006) TODOROV (2009); MORAN (2013); entre outros. Os resultados desta pesquisa revelam que a desvalorização da Literatura está relacionada a múltiplos fatores interligados: a forma equivocada como a Literatura é trabalhada na escola; a priorização de disciplinas consideradas mais pragmáticas, como a Matemática e as Ciências, o que relega as disciplinas humanísticas, incluindo a Literatura, a um papel secundário: aulas tradicionais, ausentes de uma mediação pedagógica que traga sentidos aos textos. O que deixa claro que a visão da Literatura apenas como uma forma de arte e não de formação humana é errônea. Diante destes resultados, torna-se evidente a importância de reavaliar a abordagem da Literatura tanto no âmbito educacional quanto na sociedade em geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desafios. Desvalorização. Ensino-Aprendizagem. Literatura.

**ABSTRACT:** Literature is one of the most important forms of human expression and plays a fundamental role in society. However, what we perceive in the current Brazilian education is the devaluation of Literature and, consequently, a weakened teaching and disconnected from the students' reality. The scarcity of training for education professionals and the growing influence of the media and digital technologies have contributed to a culture of immediacy and superficiality, in which easy entertainment often supplants the contemplation of more complex literary works. Given this scenario, this study aims to investigate and understand the possible causes of this devaluation, as well as the consequences for the educational and cultural formation of individuals in today's society. As for the methodological procedures, this work consists of a bibliographical research. Therefore, we seek to substantiate the problems announced from CÂNDIDO (2004); FRYE (2006) TODOROV (2009); MORAN (2013); between others. The results of this research reveal that the devaluation of Literature is related to multiple interconnected factors: the mistaken way in which Literature is worked at school, the prioritization of subjects considered more pragmatic, such as Mathematics and Sciences, which relegates humanistic subjects, including Literature, to a secondary role: traditional classes, absent pedagogical mediation that brings meaning to the texts. This makes it clear that the view of Literature as just a form of art and not human formation is erroneous. Given these results, the importance of reevaluating the approach to Literature both in the educational sphere and in society in general becomes evident.

**KEYWORDS:** Challenges. Devaluation. Literature. Teaching-Learning

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202321

## INTRODUÇÃO

A Literatura assume um papel primordial na educação e na sociedade, não só por ser fonte de conhecimento, de história e de cultura, mas por ser humanizadora. Segundo Frye (2017), ela se interpõe entre o homem e sua necessidade de humanizar o mundo. Por meio da arte e da imaginação, o homem tem o privilégio de poder enxergar um mundo mais humano e mais ameno, não como ele é, mas como gostaria que fosse, o que exige imaginação. Frye (2017) afirma que a literatura não se opõe à ciência, mas apenas caminha em sentido diferente. A ciência e a Literatura possuem características diferentes, mas diversos pontos convergentes. Elas dialogam entre si e se complementam, pois o fazer literário não é indiferente à realidade.

Porém, percebe-se, na sociedade atual, uma valorização da ciência e dos conhecimentos científicos, em detrimento da Literatura. Disciplinas como a Matemática e as Ciências são privilegiadas, enquanto Literatura, que faz parte das disciplinas humanísticas, permanece em segundo plano. Ademais, há uma tendência a abordagem pedagógica centrada em avaliações padronizadas que tendem a enfatizar a memorização e a reprodução de informações, em detrimento da apreciação e da interpretação da Literatura.

Outro problema observado na atualidade é a segmentação dos conhecimentos, que entre outras questões, têm desvalorizado a Literatura. Basta atentarmos para os currículos escolares para perceber o quanto a Literatura é trabalhada de forma fragmentada na escola e o quanto é desvalorizada. Geralmente, ela é trabalhada apenas como um objeto de conhecimento estudado na Língua Portuguesa, não é vista como componente curricular. Infelizmente, embora estejamos na era digital, somos uma sociedade que tem dificuldades para conectar conhecimentos, e a expansão da mídia, das tecnologias digitais e o imediatismo das informações contribuem para uma cultura de fragmentação e superficialidade de conhecimentos. O que, muitas vezes, supera a fruição de obras literárias mais complexas. Em vista destas e de outras questões, é necessário refletir sobre o ensino de Literatura na atualidade.

Por isso, este artigo discute a desvalorização da Literatura, a forma como ela é trabalhada na escola, as consequências disto ao longo dos anos e a preocupação de muitos professores de Língua Portuguesa com relação ao ensino de Literatura na Educação Básica. Essas mesmas inquietações foram mencionadas por Todorov (2009) em sua obra intitulada *A Literatura em Perigo*.

As leituras realizadas colaboram para compreender que as angústias do autor com relação ao ensino de Literatura incomodam não só a ele, mas também a grandes críticos estudiosos da Literatura e a vários professores.

Uma das questões mais angustiantes é como ensinar Literatura na era da cibercultura, e por que os alunos parecem não se interessar mais por contos de fada, de enigma e tantos clássicos da Literatura como antes. Cabe, nesse momento, perguntar se essas histórias morreram e o porquê de os alunos da Educação Básica estarem cada vez menos motivados a lerem e a buscarem na Literatura respostas que, na maioria das vezes, não podem ser encontradas de outra forma e nem em outro lugar. É preciso tentar compreender como "Senhora", de José de Alencar, ou "Dom Casmurro", de Machado de Assis, por exemplo, quase não interessam mais aos alunos, e buscar compreender o porquê de estes preferirem "Jogos Vorazes" e outras obras contemporâneas. Nessa perspectiva, refletir sobre ensino de Literatura, é pensar a cultura assim como ela é produzida contemporaneamente, compreendendo que a cultura digital e a ciberliteratura são uma realidade. Para André Lemos (2015, p. 11)

a cibercultura não é um domínio à parte da cultura, uma esfera independente de usuários, de nerds afastados do mundo real [...]. A cibercultura está inscrita no nosso dia a dia, presente em todas as atividades, sejam elas de trabalho, lazer ou vida privada. Se antes se pensava em áreas específicas em tensão (a técnica, sociedade, a cultura, a comunicação...), agora a cibercultura é o mundo.

O objetivo aqui é analisar a visão e o pensamento de outros autores que abordam o tema para servir como apoio a professores da área de Linguagens e, principalmente, os de Língua Portuguesa que desejam realizar um trabalho significativo de Literatura. Outrossim, refletir sobre um ensino de Literatura na era da cultura digital, de forma crítica e reflexiva, a fim de formar bons leitores.

## **1. O papel da Literatura na formação do leitor**

A Literatura é uma das mais importantes formas de expressão humana e desempenha um papel fundamental na sociedade, principalmente no que diz respeito a formação do leitor. Isso porque não é só fonte de conhecimento, de história e de cultura, mas porque é

humanizadora. Segundo Frye (2017), ela se interpõe entre o homem e sua necessidade de humanizar o mundo. Por meio da arte e da imaginação, o homem tem o privilégio de poder enxergar um mundo mais humano e mais ameno, não como ele é, mas como gostaria que fosse, o que exige imaginação. Cândido (2004, p. 177) afirma que

a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, a história de bichos, que sistematizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental.

Frye (2017) reitera que a função da Literatura é mediar o mundo não humano e a nossa necessidade de humanizá-lo, de forma a torná-lo melhor. Sair da realidade distópica, conforme mencionado por Leomir Cardoso Hilário, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, a Literatura é compreendida como “campo privilegiado de conhecimento acerca da experiência subjetiva vivenciada pelos homens e mulheres na modernidade” (Hilário, 2013, p. 202). O crítico afirma que a Literatura, diferente das redes sociais na atualidade, que são vistas exatamente pela fluidez das informações, deve ser valorizada por problematizar a realidade e analisar criticamente as forças que compõem a atualidade.

Segundo Frye (2017), imagina-se que o caminho das artes e da emoção segue no mesmo sentido, e que é oposto à ciência. O que se dissipa quando surge o impasse entre o que as pessoas gostam ou querem. Para ele, “o mundo onde quer viver é um mundo humano, e não objetivo: não é um ambiente, mas um lar, não é um mundo que você vê, mas aquele que quer construir com o que você vê”. (Frye, 2017, p.16).

Nesse sentido, o que faz com que o homem viva e trabalhe não para aceitar o mundo em que vive, mas para torná-lo melhor, segundo aquilo que ele deseja e que o faz feliz. Isso cabe tanto à Literatura quanto à Ciência, um por meio da imaginação, outro pela comprovação científica, o que envolve o intelecto, as emoções e a imaginação. Como poderia, então ser opostas entre si essas duas áreas do conhecimento? Afinal, não só os autores literários precisam de criatividade, os cientistas também, pois estes utilizam a criatividade para escrever textos científicos, estudar Ciências e encontrar caminhos para comprovar os saberes científicos; aqueles

utilizam a criatividade para trabalhar artisticamente as palavras, criar textos literários ou fazer outro tipo de arte. Para Navas, (2020, p.21)

à Literatura caberia o espaço da imaginação, do devaneio, enquanto a Ciência se ocuparia do real, daquilo que pode ser provado -, [...] se por um lado é o processo científico que valida, que demonstra, não é a imaginação, por seu turno, que leva à criação? Além da capacidade cognitiva, não seriam também exigidas dos cientistas a criatividade e a imaginação, elementos esses imprescindíveis ao escritor, ao poeta?

Para Candido (2011), a Literatura tem diversas funções na sociedade. Ela é capaz de refletir a realidade social e histórica, dar voz aos grupos marginalizados, proporcionar entretenimento e contribuir para a formação ética e moral dos indivíduos. Cândido (2000) reitera que uma das funções da Literatura é a psicológica, que é própria da imaginação, algo que é inerente ao ser humano. Todo ser humano necessita da imaginação para viver. A Literatura nos coloca frente à ficção, a um mundo alternativo de fantasias, diante daquilo que não é, mas que poderia ser. Porém, Cândido (2000) adverte que a ficção nunca é inteiramente pura, ela sempre possui um pouco de realidade, pois está impregnada de sentimentos, ideias e valores inerentes aos seres humanos.

Outra função da Literatura é a formadora, que se caracteriza por formar o homem para a vida e para a cidadania. Segundo Cândido (2000, p. 50), “a Literatura tem o poder de educar o leitor, não apenas no sentido formal da educação, mas também no sentido mais amplo de formação humana e ética”. Ela pode ajudar o leitor a compreender o mundo e a si mesmo, a desenvolver a empatia e a sensibilidade, e a se tornar um cidadão mais crítico e reflexivo.

Para Frye (2017), o nível de consciência do ser humano está em diferenciar aquilo que ele faz daquilo que ele deseja fazer, o que dá lugar à imaginação e constrói modos possíveis da experiência humana. Assim, segundo Frye (2017), há três níveis de linguagens que se interrelacionam: a linguagem da conversa corriqueira, a linguagem do senso prático e a linguagem da imaginação, e todas precisam da Literatura para se construírem. O que corrobora a compreensão de que a Literatura está no mundo que o homem constrói, inclusive naquilo que é simples e corriqueiro como também naquilo que faz parte da sua imaginação.

Segundo Frye (2017), o poeta usa muito mais imagens, objetos e sensações do que ideias abstratas, enquanto o romancista se atenta mais em contar histórias a estruturar argumentos. Nesse sentido, Frye (2017, p. 23) afirma que

o mundo da Literatura é humano em sua forma: é um lugar onde o sol nasce a leste e se põe a oeste por sobre a borda de uma terra plana em três dimensões; onde as realidades primárias são átomos ou elétrons, mas corpos, e as forças primárias não são energia ou gravidade, mas amor, morte, paixão e alegria.

As colocações de Frye (2017) destacam a importância da Literatura em apresentar uma visão humana do mundo, em que a imaginação e as emoções são tão importantes quanto os fatos científicos. É preocupante que, na sociedade atual, a Literatura esteja sendo desvalorizada em detrimento de outros campos de estudo, e isso pode ter sérias consequências na formação de indivíduos mais empáticos e criativos. Frye (2017) destaca que a Literatura oferece uma visão crítica do mundo, capaz de desafiar as estruturas de poder e de promover a conscientização.

Ao ler uma obra literária, o leitor é exposto a diferentes perspectivas e é convidado a refletir sobre a realidade que o cerca. Candido (2000), por sua vez, ressalta que a Literatura é capaz de transmitir valores e tradições de uma cultura, ao mesmo tempo em que pode questionar e subverter esses valores. Destaca ainda que a Literatura é uma forma de expressão que permite a liberdade criativa e a diversidade cultural; assim, “como a filosofia e as ciências, a Literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos”. (Todorov, 2009, p.77).

Logo, quando o homem permite-se permanecer frente à arte literária, pode estar diante de um agente de transformação do seu interior, porque ele se dá o direito de sonhar, de usar a sua imaginação para construir mundos e torná-los possíveis. E como a Literatura trata de sentimentos comuns à humanidade, o homem conecta-se aos seus semelhantes, e/ou com sentimentos humanos, como o amor, o ciúme, o medo, a morte etc., ou seja, dá-se à oportunidade de colocar-se diante do espelho e olhar para dentro de si mesmo.

Assim, enquanto lê, o leitor experimenta sentimentos e sensações que ele quer trazer para o seu mundo real e senti-los como a uma experiência viva. Dessa forma, fica perceptível as funções da Literatura, que vai além do entretenimento e da simples narração de histórias. Ela é poderosa para refletir sobre a sociedade, questionar ideias, valores e promover mudanças sociais. Ela promove a formação humana.

## **2. A desvalorização da Literatura na escola.**

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202321

Tzvetan Todorov (2009), crítico literário, filósofo e linguista que se destacou no século XX, intitula uma de suas obras como *A Literatura está em Perigo*. Afirmção pouco contundente e pouco compreendida para quem não é da educação e não reconhece a importância da Literatura na formação de um leitor, e por que não dizer da formação humana? Cândido (2004, p. 177) afirma que

[...] a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, a história de bichos, que sistematizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental.

Porém, para alguém que tenha formação em Letras, para um professor de Língua Portuguesa ou até mesmo da área de linguagens, é perfeitamente compreensível isso. Uma vez que ele mesmo, em sua formação, provavelmente, já tenha assistido às aulas de Literatura que não passaram de relatos dos períodos literários e de suas características. Aulas em que os textos eram mencionados apenas para serem periodizados, como diz Todorov (2009), pois, na obra referida anteriormente, o autor traz uma reflexão sobre a forma como a Literatura é trabalhada na escola, e acerca da sua relação com a formação humana. Neste sentido, o autor afirma que “o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou história literária” (Todorov, 2009, p. 10.).

O que se pode compreender da afirmação e da angústia de Todorov é que, na escola, não se trabalha a leitura de textos literários em si, mas simplesmente algo teorizado, raso, técnico, o que faz com que o estudante enxergue a Literatura apenas de forma disciplinar. Caio Meira (2009), tradutor e autor do prólogo da obra de Todorov, corrobora essa afirmação; para esse jovem, “Literatura passa a ser então muito mais uma matéria disciplinar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública” (Todorov, 2009, p. 10).

Ou seja, nessa visão, os textos literários não são discutidos de forma que se compreenda o sentido da obra. Eles são mencionados apenas para serem periodizados, vistos

de forma rasa, sem atribuição de sentido e sem se pautar na realidade. A afirmação de Gramsci (2004, p. 44) corrobora essa evidência “[...] não existe unidade entre a escola e a vida” [...]. O que não é difícil de ser compreendido é que essa estranha inversão que ocorre ao se trabalhar a literatura, torna-a desinteressante para o estudante e afasta-o das obras literárias, por não verem conexão destas com a própria vida.

Todorov (2009) afirma que a Literatura está em perigo não por terem se extinguido os bons poetas ou a criatividade literária, mas pela forma como ela é apresentada aos alunos na escola. Em vista dessas colocações e de suas angústias, na referida obra, o autor levanta a seguinte tese: “Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre indivíduo e a sociedade, o mundo e o ódio, a alegria e o desespero [...]” (Todorov, 2009, p. 27).

Assim, a forma como a Literatura é tratada na escola, distancia-se inteiramente da realidade e da vida do estudante, tornando-se apenas mais uma disciplina com lições vazias, teóricas, sem significado e sem possibilidade alguma de leitura de mundo. O que acarreta prejuízos ao estudante e o distancia da leitura, privando-o da fruição poética, da beleza e do significado dos textos literários, bem como da confecção desses textos com a vida.

Todorov (2009) lamenta o fato de obras literárias como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Don Casmurro*, do escritor brasileiro Machado de Assis, bem como tantos outros clássicos da literatura, não serem lidos e debatidos com os estudantes, antes de serem classificados e periodizados, para que os estudantes percebam a conexão entre os textos e a vida humana e possam retirar destes lições que o ajudarão a compreender seus próprios sentimentos e angústias. Em outras palavras, para o autor, a desvalorização da literatura não está na inexistência de obras literárias de qualidade, mas na maneira como a literatura é apresentada aos jovens na escola. Não obstante à quantidade de adjetivos que qualificam o autor, Todorov (2009, p. 31) faz a seguinte afirmação:

Nós – especialistas, críticos literários, professores – não somos, na maior parte do tempo, mais do que **anões sentados em ombros de gigantes**. Além disso, não tenho dúvida de que concentrar o ensino de Letras nos textos iria ao encontro dos professores, que escolheram sua profissão por amor à literatura, porque os sentidos e a beleza das obras os fascinam; [...] grifo nosso.

Para o autor, apresentar ao jovem a obra literária, por meio da leitura e da reflexão dos textos, auxilia professores apaixonados pela literatura e pelo fascínio das obras. Ele acredita

que a obra é capaz de falar por si só, e por conseguinte, professores e estudantes têm a oportunidade de refletir sobre emoções e sentimentos diversos que acometem a vida humana, como o ódio, a alegria, os ciúmes, o desespero, a morte, entre tantos outros. Compreende-se que, ao se explorar um clássico literário em sala de aula, oportuniza-se ao estudante a reflexão e a vivência de experiências fantásticas e emoções maravilhosas do mundo das personagens que, mesmo sendo fictícias, podem despertar sentimento de humanidade, e lembrança de que eles mesmos estão sujeitos a sentimentos e emoções semelhantes.

Para Todorov (2009, p. 22), “a Literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos” e, por isso, os alunos sentir-se-ão atraídos por essas variadas formas de expressão, caso os textos sejam trabalhados e contextualizados de forma a fazerem conexão com a realidade que os cerca. Continua afirmando que, por meio da Literatura, os alunos têm a oportunidade de descobrir mundos e de comparar experiências próprias às descobertas em suas leituras, ainda que as experiências das personagens sejam mais eloquentes que as da vida real, estas, com certeza, lhes ampliarão o universo e lhes incitarão a sonhar com outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo.

Todorov (2009, p. 24) complementa ainda que “mais densa e eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a Literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo.” O crítico argumenta que somos o que outros seres humanos nos dão, isso inclui nossos pais e aqueles que nos cercam. Para Todorov (2009, p. 24),

a literatura abre ao infinito essas possibilidades de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Em um país em que os índices de leitura são tão baixos, a Literatura é uma arma educativa necessária para incitar os alunos à leitura, pois ela possibilita discutir as questões humanas. O que Todorov (2009) questiona são os métodos utilizados para apresentá-la aos alunos. Estes, sem dúvida, precisam ser revistos. Pois, a Literatura enriquece as pessoas,

tornando-as melhores, humaniza-as. Não pode ser deixada de lado ou ser trabalhada com outros pretextos que não a riqueza existente nela mesma.

É preciso haver uma nova abordagem da Literatura, de forma a considerá-la como a arte da palavra, compreender mais o sentido dos textos, e, principalmente, perceber o que ela tem a dizer sobre o ser humano. O ensino de Literatura, da forma como vem sendo concebido, serve apenas para que os estudantes aprendam “o dogma segundo o qual a Literatura não tem relação com o resto do mundo, estudando apenas as relações dos elementos da obra entre si” (Todorov, 2009, p.39).

Em outras palavras, é preocupante a desvalorização da Literatura e os equívocos cometidos em sala de aula, na sociedade atual, como bem aponta esse teórico. No entanto, não podemos atribuir culpa somente a professores pela forma como trabalham a Literatura - afinal foi essa a formação que eles receberam - muito menos aos estudantes por não se interessarem pela Literatura da forma que lhes é apresentada.

Face ao exposto, são necessárias políticas públicas para corrigir essa questão, bem como os problemas enfrentados na Educação, como a falta de formação de professores, currículos aligeirados e descaso com a Educação. É também responsabilidade da sociedade, como um todo, valorizar a arte e a cultura, incluindo a Literatura como algo fundamental para a formação do ser humano e para a construção de uma sociedade mais crítica e reflexiva.

### **3. Direitos humanos e Literatura**

Cândido (2004), concebe a Literatura como o sonho acordado das civilizações e afirma que ela ocupa um lugar importante na sociedade. Nessa mesma linha de pensamento, Frye (2006) acredita que a Literatura está pautada na imaginação e que, sem ela, não há Literatura. Ora, de fato, a vida sem sonhos, sem imaginação perderia inteiramente o sentido. Afirmção com a qual as crianças concordariam, principalmente, no momento em que leem os maravilhosos contos de fadas, como *Branca de Neve e Os Sete Anões*, *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera*, e assim por diante. Bem como os jovens e adolescentes ao lerem *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, ou até mesmo quando assistem às suas séries preferidas na televisão ou em seus aparelhos de celular.

Os sonhos dão cor à vida, trazem sorrisos, alegria, esperança e, em teorias freudianas, eles se relacionam a desejos e emoções ocultas. Nesse contexto, Cândido (2004, p. 174) afirma que

[...] o sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da Literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Dessa forma, a Literatura se mostra intrínseca ao ser humano, como parte de sua realidade. Uma sociedade sem sonhos perderia a razão de viver, e não seria precipitado dizer que poderia também perder o equilíbrio, logo entende-se que os sonhos trazem equilíbrio a uma sociedade. Pode também não haver equilíbrio social sem a Literatura e, por isso, ela é tida como fator essencial de humanização, principalmente, porque atua no subconsciente e consciente do homem. Para Cândido (2004, p. 175) “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia o combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

A Literatura é uma maneira de gerar a criatividade e a imaginação, e isso ocorre por meio da interação do leitor com o texto, porque “permite compreender melhor o homem e o mundo, para neles descobrir uma beleza que enriqueça sua existência” (Todorov, 2009, p. 33). Isso significa dizer que, ao conectar-se à Literatura, o homem conecta-se consigo mesmo. Assim, a Literatura, muitas vezes, torna-se ponte de memória e de afeto entre as pessoas. Para as gerações passadas, o quão maravilhoso era ficar aos pés da cama dos avós, dos primos ou dos irmãos mais velhos ouvindo-os contar casos de assombração e tantas outras histórias maravilhosas que fazem parte da nossa cultura, do nosso imaginário, da nossa formação e do nosso folclore! Tudo isso são matérias-primas da arte literária.

A leitura de contos, crônicas, poemas e outros gêneros textuais coloca o leitor frente a uma realidade que não é a que vive, mas poderia ser, então ele entende aquela realidade como possível, o que o impulsiona ao combate e enfrentamento daquilo que o distancia daquela realidade que ele não quer viver.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, “o documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das

etapas e modalidades da Educação Básica” e que, portanto, define os direitos de aprendizagens de todos os estudantes brasileiros, Brasil (2018, p. 42) afirma:

As experiências com a Literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros [...]

Em concordância com esse documento, Cândido (2004, p. 175) ressalta que [...] “a Literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” A fabulação pode possibilitar a resolução de situações difíceis, de lidar com o desconhecido e de buscar maneiras de solucionar os conflitos reais. A imaginação pode proporcionar ao indivíduo uma relação com o mundo real, o que o ajuda a compreendê-lo melhor.

Isto posto, Cândido (2011) adverte que os bens primordiais aos seres humanos não são apenas aqueles relativos à casa, comida, roupas e alimentação. O ser humano também precisa de instrução. Ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven não pode ser privilégio de uma minoria. Para o autor, são necessários não apenas os bens que assegurem a sobrevivência física, mas os que garantem a integridade espiritual, como a crença, a opinião, o lazer, a arte e a Literatura, pois essas coisas fazem parte das necessidades profundas do ser humano e que, se deixadas de lado, podem provocar a insatisfação, a desorganização pessoal, e quem sabe até a frustração mutiladora.

Dessa forma, como pode ser negligenciada a Literatura na escola? Se é exatamente esta a instituição que tem o compromisso “de propiciar uma formação integral, balizada pelos direitos humanos e princípios democráticos,” [...] (Brasil, 2018, p. 86). É preciso considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de negligência e desvalorização da Literatura. Percebe-se essa negligência até mesmo em instituições educacionais de nível superior que trabalham cursos de licenciatura. Estas instituições destituem, portanto, conhecimentos e direitos tidos como universais dos estudantes, como a arte literária, a informação, a fruição e tiram

destes a oportunidade de, por meio da Literatura, realizar diálogos entre os diferentes textos e seus sentidos.

Diante do exposto, percebemos que a Literatura é importante não apenas como uma forma de arte, mas também como um espaço de fruição e compreensão dos direitos humanos. A valorização dos direitos humanos e a formação literária é parte do que é necessário para se ter uma vida digna e tornar-se um cidadão crítico e consciente de seu papel na sociedade.

Frye (2006) argumenta que a Literatura é a forma mais avançada de comunicação humana, e por isso, tem o poder de disseminar não só informações, mas imaginação e valores. Além disso, a Literatura pode desempenhar um papel fundamental na promoção da tolerância e do respeito mútuo, que são valores essenciais para a sociedade contemporânea, assim como fortalecer as pessoas e proporcionar-lhes esperança. Desse modo, para Todorov (2009, p. 76),

[...] a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Portanto, é fundamental que a Literatura seja vista como um direito, que seja valorizada e ensinada adequadamente nas escolas, pois como afirma Moran (2013), a Literatura é essencial para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. É necessário que os educadores estejam cientes da importância da Literatura em suas vidas e na vida de seus alunos e a compreendam como uma das mais importantes formas de expressão humana, por isso desempenha papel tão importante na sociedade.

#### **4. A cultura digital e o ensino de literatura**

O mundo passa por uma transformação cultural e “a velocidade das mudanças é vertiginosa” (Lemos, 2015, p. 9). Os impactos das novas tecnologias estão em toda parte, demandando novas aprendizagens e novas habilidades de todos. As novas ferramentas digitais estão associadas a mudanças na linguagem, nos letramentos, na educação e na sociedade. Essa cultura não é fruto de um determinismo social, nem é consequência de um tecnodeterminismo.

“Trata-se de um processo híbrido em que, nas tramas da vida em sociedade, humanos e seus artefatos fazem desenrolar o seu destino” (Lemos, 2015, p. 11).

Segundo Lemos (2015), a cultura digital não se restringe a pessoas extremamente estudiosas, mas faz parte da nossa realidade social, está presente em nossos relacionamentos e em nossa vida secular. Rojo (2013) diz que há uma nova mentalidade, uma nova cultura e uma nova maneira de pensar e de interagir com as coisas e as pessoas na contemporaneidade.

Essa nova realidade social altera de forma significativa o modo de pensar, de agir e de aprender da sociedade contemporânea e faz surgir novas demandas com a utilização constante de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), as quais “possibilitam e potencializam a divulgação de textos por meio de uma rede complexa, marcada por fluidez e mobilidade, que funciona paralelamente às mídias de massa” (Rojo, 2013, p. 8).

Essas tecnologias digitais permeiam todos os setores das nossas vidas e reconfiguram as nossas interações sociais e as novas leituras. Conseqüentemente, a Literatura recebe uma nova configuração, mediante as constantes e rápidas alterações comunicativas e conexões entre *links*, *hiperlinks*, textos, *hipertextos* mediados por constantes diálogos nesse novo campo de divulgação, o ciberespaço. Mas isso não significa desvalorizar as configurações já existentes, tais como: do cânone, dos clássicos, do impresso. Como também não se pode ignorar as novas formas que ela assume ante a essa nova realidade.

Santaella (2012, p. 229) afirma que “mediante as mídias digitais, a configuração da Literatura sofreu um salto qualitativo em todos os seus aspectos. O espaço virtual gerado pelas redes de computadores funciona como um novo meio.” Conseqüentemente, abrem-se novas oportunidades e expande-se o conceito de Literatura em função de novas formas de criação literária.

Diante dessa nova realidade, Mourão (2001, apud Santaella, 2012, 230-231) reitera que a Literatura no ciberespaço, bem como seus variados formatos, protótipos e estilos vêm recebendo uma multiplicidade de nomes, tais como:

[...] literatura gerada por computador, literatura informática, infoliteratura, literatura algorítmica, literatura potencial, ciberliteratura, literatura generativa, hiperficções, texto virtual, geração automática de texto, poesia animada por computador, poesia multimídia.

Essas novas formas de configuração da literatura instaladas no universo da web têm exercido verdadeiro fascínio sobre os nossos jovens. São *e-books*, *blogs*, *vlogs*, *fanfics*, *ciberpoemas*, *scriptpoemas*, fotografias dentre tantas outras práticas de linguagens que cativam os nossos jovens e inauguram novos letramentos imersos nesse mundo digital. São ilimitados os espaços de aprendizagens, nesse universo do ciberespaço, que vão ampliando as possibilidades de informação, interação e de conhecimento dos leitores/internautas. Nossos jovens têm sido atraídos cada vez mais por essa cultura digital, e atuado não apenas como consumidores, mas como protagonistas “envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil.” Brasil (2018, p. 61).

Para Lévy (1999, apud Silva, 2017), o ciberespaço provoca mudanças culturais e cognitivas, na medida em que dá outras direções de conhecimento. Nesse sentido, as tecnologias alteram diversificadas funções cognitivas humanas, como: a memória (bancos de dados, fichários digitais, hipertextos), a imaginação (simulações), a percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), o raciocínio (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Um quadro social como esse impõe à escola desafios em relação à formação dessas novas gerações, pois implica pensar num ensino de Literatura que considera a cultura em que ela está inserida. Portanto, o maior desafio do ensino de Literatura na escola é articular-se com essa cultura digital de forma a promover uma aprendizagem significativa.

A partir da evolução das mídias digitais, autores e leitores de obras literárias tentam adaptar-se às novas estratégias de produção e recepção criadas pelas novas formas de comunicação. Silva (2017, n.p.) afirma que “a leitura assume um papel de destaque no contexto marcado pelo automatismo e pela superabundância de informações, ou seja, fatores que exigem um leitor ativo, extremamente dinâmico, capaz de selecionar quantitativamente e qualitativamente informações.” Nesse sentido, Marcuschi (2004, apud Silva, 2017) reitera que os gêneros emergentes ou e-gêneros se constituem em alternativas criadas pelos novos meios de comunicação, os quais demandam diferentes estratégias de leitura e produção.

Em se tratando de uma literatura no sentido mais genérico, mais global do termo, não apenas de textos literários, existem sites como *Wikipedia*, por exemplo, em que todos podem postar quase de tudo, independentemente de serem informações científicas ou confiáveis. O que

nos obriga a ter critérios maiores de seleção e curadoria desses textos. Nesse aspecto, a Brasil (2018, p. 68) corrobora afirmando que “[...] passamos a depender de curadores ou de uma curadoria própria, que supõe o desenvolvimento de diferentes habilidades”. Sabemos que o excesso de informações a que os estudantes têm sido expostos nem sempre promove conhecimento.

Nesse sentido, é preciso ter a convicção da importância de um ensino correto e ético da Literatura e das TDIC. Com relação à curadoria, a Brasil (2018, p. 136) adverte:

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria.

Sabemos que a cultura digital não substitui a rica Literatura impressa, mas está presente todas as instâncias da educação no mundo inteiro e traz grandes potencialidades de melhoria para muitas instituições, não só a educação. Isso porque ela soma e multiplica a Literatura impressa tradicional, ela a enriquece, trazendo novas potencialidades e novas linguagens presentes no ciberespaço. Entretanto, para que essas melhorias ocorram na educação, incluindo uma nova forma de estudar Literatura, requer ressignificar o currículo e reconfigurar a formação dos professores. Mediante o exposto, nasce um questionamento: No Brasil, a escola acompanhou as mudanças provocadas pela cultura digital? Os professores conhecem essas novas formas de escrita/leitura digitais relativas às práticas de linguagens?

Segundo Freitas (2009), essas e outras preocupações já se desencadeavam desde 1999. Por isso, o Grupo de Pesquisa Linguagem Interação e Conhecimento (Grupo LIC), da Faculdade de Educação da UFJF, promoveu uma série de pesquisas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapeming), objetivando disseminar essas questões. Inicialmente, entre 1999 e 2003, o grupo verificou se a internet contribuía com o letramento digital dos adolescentes. Nessa perspectiva, avaliou a leitura e escrita destes, na internet, tendo como base em análise de *chats*, *e-mail* em listas de discussão sobre seriados televisivos e *sites* construídos por esses usuários.

De acordo com Freitas (2009), as pesquisas evidenciaram que a internet contribuía para que os adolescentes escrevessem mais e de forma espontânea e interativa. Entretanto, a partir dessas pesquisas, levantou-se a seguinte preocupação: a escola conhecia essas práticas de leitura-escrita de seus alunos? A continuidade das pesquisas, inseridas em escolas, demonstraram “um descompasso entre o que acontece nas salas de aula e o avanço das tecnologias digitais presentes na contemporaneidade. Observou-se sinais de resistência por parte da escola e dificuldades dos professores em enfrentarem as demandas suscitadas por essas tecnologias” (Freitas, 2009, p. 8).

Posteriormente, o Grupo LIC viu-se envolto em uma série de outros questionamentos relativos à formação de professores ante às tecnologias digitais, por exemplo: “como os professores se situam e agem perante as novas práticas de leitura e escrita possibilitadas pela cibercultura (Freitas, 2009, p. 8)? Como resultado, constatou-se que “os professores, muitas vezes, sentem-se inseguros em lidar com os produtos que o computador oferece, com recursos da web e as práticas de leitura e escrita, que alunos, fora da escola, realizam na internet ” (Freitas, 2009, p. 9). Nesse sentido, Brito (2008) reitera que as formações oferecidas aos profissionais da Educação para a implementação das tecnologias digitais, além de serem curtas, não os prepararam para lidar com os computadores em uma perspectiva pedagógica, mas somente tecnológica.

Nesse sentido, Bueno e Echalar (2008) asseguram que nas formações oferecidas aos professores, não lhes foi explicitado como utilizar as máquinas com cunho pedagógico, mas priorizou-se uma formação técnica. Segundo esses autores, os cursos oferecidos foram pautados na lógica instrumental, em detrimento da parte pedagógica. Almeida (2008) faz eco com essas vozes, ao afirmar que as políticas públicas para implantação de informática no Brasil não foram voltadas para o uso das tecnologias na área da educação, mas tiveram um cunho meramente mercadológico.

Diante do exposto, percebe-se atualmente um palco educacional composto por professores inseguros para lidar com essas tecnologias digitais. Mas em nenhum momento este cenário aponta os professores como culpados. O que se constata, Segundo Freitas (2009), é que faltam políticas públicas educacionais efetivas capazes de melhorar as condições de trabalho desses profissionais. Isso, tratando de formação inicial e continuada.

Para Freitas (2009), as pesquisas realizadas pelo Grupo LIC evidenciaram também que não basta equipar a escola com computadores e internet, mas é necessário que os docentes compreendam o contexto em que eles e seus alunos estão inseridos. Assim, quando houver a compreensão do uso que os alunos já fazem ou poderão fazer do computador e da internet, será possível a mediação de trabalhos nessa perspectiva.

Nesse contexto, muitos professores buscam essa atualização de forma autônoma, pois reconhecem a importância da web e da mediação do professor nesse processo de busca e construção do conhecimento. Entretanto, para promover ações positivas na realidade escolar, tratando-se das evoluções tecnológicas, o professor precisa estar munido de habilidades específicas, desenvolvidas ao longo do tempo e de processos formativos, não somente para lidar com as ferramentas tecnológicas, mas fazer uso competente delas como instrumento de mediação pedagógica significativa.

Para Freitas (2009), os atuais professores pertencem a uma geração que está em transição. Enquanto os professores são considerados “estrangeiros digitais”, os seus alunos são “nativos digitais”, o que gera desafios à escola. Mas reitera que essas diferenças não podem se colocar como obstáculos à aprendizagem, pelo contrário, precisam ser enfrentadas a fim de que o diálogo entre as duas culturas ocorra e descarte qualquer tipo de exclusão.

O que se percebe no campo educacional atualmente é que profissionais tentam promover práticas educacionais com as quais têm pouco contato e não receberam a devida formação, nem mesmo nos cursos de Licenciatura. Eles fazem parte de um grupo de profissionais que veem a necessidade de inovar as suas práticas pedagógicas, atualizar-se, acompanhar a evolução tecnológica e a cultura digital, na perspectiva de atender às muitas demandas, o que exige deles, conhecimentos, não só formação técnica.

Nesse sentido, para promover ações positivas na realidade escolar, o professor precisa estar munido de habilidades específicas, desenvolvidas ao longo do tempo e de processos formativos, não somente para lidar com as ferramentas tecnológicas, mas fazer uso competente delas como instrumento de mediação pedagógica significativa. Segundo Nonato (2007, p. 8), o uso das TIC pressupõe novas estratégias previamente pensadas para a sala de aula e para a relação professor/aluno

não basta adicioná-las às práticas tradicionais, é preciso utilizá-las para reestruturar abordagens pedagógicas, reinventar a prática docente. Práticas tradicionais que ainda são efetivas não precisam ser “maquiadas” pelo acréscimo

de um “novo formato”. Todavia, as TIC podem e devem ser instrumento para novas abordagens, novas formas de mediar a aprendizagem, novas formas de ensinar.

A cultura digital impacta diretamente o ensino de Literatura e há a necessidade de se dialogar com essa cultura, considerando as experiências estéticas, de fruição e as de interpretação, visto que a educação não pode estar dissociada do contexto cultural, no qual está inserida. Em relação ao ensino de Literatura, Brasil (2018, p. 156) afirma que

[...] para que a experiência da literatura - e da arte em geral - possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores.

Compreende-se, então, a necessidade de valorizar o potencial leitor, respeitar as práticas de linguagem contemporânea e trabalhar no sentido de formar um leitor crítico.

Diante do que foi exposto, o desafio do ensino de Literatura é articular-se com a cultura digital, assim como às diversas áreas de conhecimento, utilizando os diversos artefatos tecnológicos como mediação pedagógica para promover uma aprendizagem significativa. E, em vista disso, a vivência com diferentes práticas de linguagem, o respeito ao outro e aos diversos tipos de cultura devem ser promovidos pela escola, a fim de possibilitar o desenvolvimento de habilidades necessárias para essa nova realidade.

Nessa perspectiva, a Literatura promove conhecimentos para a formação e desenvolvimento humano, não trabalha apenas o entretenimento que a ficção proporciona, mas permite aos leitores a reflexão sobre a relação da ficção e do mundo real, promovendo inspiração e experiências inesquecíveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a importância da Literatura para a compreensão da realidade, a formação ética e moral dos indivíduos e a promoção de mudanças sociais. A Literatura é vista como uma forma de intermediar o mundo humano e a imaginação, permitindo que o leitor experimente sentimentos e sensações que ele quer trazer para o seu mundo real e senti-los como a uma

experiência viva. Além disso, a Literatura pode ser poderosa para refletir sobre a sociedade, questionar valores e promover mudanças.

Quando falamos em mudanças, é preciso destacar a importância do professor dentro desse processo de mediação pedagógica e utilização de instrumentos tecnológicos para alcançar políticas públicas eficazes. Isto é, voltadas para o fazer pedagógico, de forma a tornar o ensino de Literatura eficaz no processo de formação do estudante.

Face ao exposto, percebemos que a mera utilização da tecnologia não é suficiente para alcançar os objetivos desejados, é necessário que haja uma reflexão pedagógica que traga sentido para o uso dessas tecnologias. Esse ponto de vista é especialmente relevante quando se trata dos direitos humanos, que são valores fundamentais para a sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a Literatura pode ser um conhecimento valioso para a compreensão dos direitos humanos, uma vez que pode trazer reflexões profundas e sensíveis sobre a condição humana. Além disso, ela pode promover a tolerância e o respeito mútuo, valores tão importantes em uma sociedade diversa e plural. Para promover tais mudanças, dentro do âmbito escolar, é preciso refletir sobre a forma como a Literatura tem sido apresentada em sala de aula, pois dar ênfase apenas na periodização e na teoria literária não é o melhor caminho, isso afasta o estudante das obras literárias e faz com que ele não compreenda o sentido da obra e sua relação com a vida real.

A Literatura é capaz de falar por si só e possibilita ao homem uma reflexão sobre a condição humana e os sentimentos que envolvem a humanidade. É preciso haver uma nova abordagem acerca da Literatura, de forma a considerá-la como uma arte, compreendendo mais o sentido dos textos literários e, principalmente, o que eles têm a dizer sobre o ser humano, e não somente as suas estruturas formais. Por isso, estudiosos e críticos literários como Todorov (2009), propõem uma reestruturação do ensino de Literatura, de forma que a obra literária seja apresentada por meio da leitura e da reflexão.

Os direitos humanos são garantias fundamentais que todo ser humano deve ter para viver dignamente e a Literatura tem sido um conhecimento poderoso para a promoção e defesa desses direitos. Através da Literatura, podemos nos colocar no lugar do outro e entender a sua realidade. Obras como *Diário de Anne Frank* e *Vidas Secas* nos mostram a importância da liberdade e da igualdade. Já *1984* e *Admirável Mundo Novo*, por exemplo, alertam para a necessidade de protegermos nossos direitos e lutarmos contra regimes autoritários. Ademais,

concebida como linguagem artisticamente organizada, a Literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir.

Além disso, a Literatura tem o poder de dar voz aos que muitas vezes são silenciados. Escritoras como Anne Frank, Chimamanda Ngozi Adichie e Bell Hooks trazem à tona questões importantes sobre o sofrimento, o medo, as guerras, o amor, o respeito à mulher, entre outros. Por fim, a Literatura é uma forma de fortalecer as pessoas, mostrando que estas têm o direito de lutar por seus direitos e que sua voz é importante. Através da Literatura, podemos inspirar mudanças e construir um mundo mais justo e igualitário.

Como a Literatura é arte, a arte da palavra, o seu papel na escola é auxiliar o estudante a relacionar a sua individualidade, a sua convivência com o outro, a sua expressão artística com a construção de um mundo melhor. Em outras palavras, orientar o estudante a compreender o valor da Literatura para a sua formação pessoal, como cidadão crítico, reflexivo, autônomo, capaz de compreender melhor o mundo ao seu redor e, assim, poder intervir com criticidade na sua realidade, posicionando-se, com firmeza e conhecimento, sobre fatos que incomodam não só a ele, mas à sociedade, a fim de construir um mundo melhor, mais justo, mais humano.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologias na Educação: dos caminhos trilhados aos atuais desafios. **BOLEMA: Boletim de Educação Matemática** - eISSN 1980-4415, Rio Claro, SP, Brasil, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1723>. Acesso em: 17 set. 2022.

BRITO, Maria Aparecida Candine de. **O uso dos computadores nos laboratórios de informática educativa na rede estadual de Goiânia**: limites e possibilidades do ambiente Cyber. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=481](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=481). Acesso em: 10 mar. 2023.

BUENO, Denise C.; ECHALAR, Jhonny D. Políticas públicas brasileiras para o uso de tecnologias na educação em Goiás: Um resgate de memórias. In: ECHALAR, Adda D. L. F.; PEIXOTO, Joana; CARVALHO, Rose M. A. (orgs.) **Écos e repercussões dos processos formativos nas práticas docentes mediadas pelas tecnologias**. Goiânia: Ed. Kelps, 2015, p. 23 – 54.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2000.

\_\_\_\_\_. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

FREITAS, Maria T. Assunção. **Cibercultura e formação de professores**. São Paulo. Autêntica; 2009.

Frye, Northrop. **A literatura e os outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Trad. Adriel Teixeira, Bruno Gerardini e Cristiano Gomes. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura**: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. In: HILÁRIO, Leomir Cardoso; FARIAS, Wellington Pereira (orgs.). Viçosa: Editora UFV, 2013, p. 193-207.

LEMOS, André. **Cibercultura**: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2013.

NAVAS, D. **Literatura e ciência**: campos antagônicos ou complementares? Cien. Cult. vol.72 nº 1 São Paulo Jan./Marc. 2020. Disponível em:  
[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252020000100012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252020000100012)  
Acesso em 14 marc. 2023.

NONATO, Emanuel. do R.S. **Cultura digital e ensino de literatura na educação secundária**; Cad. Pesquisa, São Paulo, v. 50, n. 176, p. 534-554, abr./jun. 2020. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/cp/a/4Gy5WVZLMLFGwzBgZmPyWFt/?format=html&lang=pt#> Acesso em 10, mar. 2023.

SILVA, Ivanda. Maria. Martins. **Ensino de Literatura na era digital**: conexões ilimitadas com o reader-response criticism. Realize. Pernambuco.2017. Disponível em:  
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27101>. Acesso em: 10 de março de 2023.

SANTAELLA. Lúcia. **Para compreender a ciberliteratura**. Texto digital, São Paulo, v. 8, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229/23637> Acesso em: 20 ago. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.